

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: PARADIGMA OU OCASO?

Rodolfo Antônio de Figueiredo*

RESUMO

O presente artigo trata do desenvolvimento sustentável, conceito de cunho econômico mas de atual relevância para diversas áreas profissionais. O conceito é dissecado e tratado em suas nuances polêmicas. A conclusão a que se chega é a de que o termo não traz em seu bojo elementos que contribuam para a evolução social, devendo ser discutido um conceito mais amplo, sólido e com impactos reais nas comunidades humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Sustentável, Economia, Ambiente, Recursos Naturais, Desenvolvimento Comunitário.

ABSTRACT

The present article deals with the sustainable development, a concept of economy which has been getting modern relevance to several professional fields. The concept is explored and treated in its polemical nuances. The conclusion is that the term does not bring in its essence elements which contribute to the social evolution, and a concept more huge, solid and with real impacts on human communities must be discussed.

KEY-WORDS: Sustainable Development, Economy, Environment, Natural Resources, Community Development.

Introdução

Todo biólogo e professor de biologia dedicam uma boa porção de seu tempo de formação e atualização ao estudo de prefixos e sufixos gregos e latinos. Eles são de grande importância para a compreensão dos conceitos desta cada vez mais importante área do conhecimento humano. A primeira aula sempre começa com: "Bíbio significa vida e logos, estudo. Portanto, biologia é a ciência que estuda a vida!".

Aqui não falarei de biologia, mas sim de um conceito econômico. Um conceito que tanto economistas, como administradores de empresas, contabilistas, biólogos, educadores, entre diversos outros profissionais, estão utilizando e baseando a construção de suas novas doutrinas e valores. Assim sendo, sempre cabe uma discussão aprofundada sobre o referido conceito.

O presente artigo tem por objetivo levantar algumas questões sobre o conceito de desenvolvimento sustentável, a fim de expor alguns pontos frágeis que ele traz consigo, e chamar para a discussão um conceito mais abrangente.

*Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pela UFSCar, Bacharelado em Direito na FADIPA, Mestre em Doutor em Ciências (área Ecologia) pela UNICAMP; Professor Titular e Coordenador Pedagógico do curso de Ciências – Habilitação em Biologia da Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta, Professor e Coordenador do curso de Pós-graduação em Ecologia e Educação Ambiental, e Coordenador Geral do Centro de Pós-Graduação das Faculdades Padre Anchieta. Email: rorofig@hotmail.com

Sobre o termo “desenvolvimento sustentável”

Começarei desmembrando a palavra desenvolvimento para melhor compreendê-la. Então, vamos lá: *des* é um prefixo que indica o contrário do que significa o radical. Exemplos: acorrentar é manter algo preso à corrente, já *des*acorrentar é desligar da corrente. Acostumar é criar um costume, enquanto que *des*acostumar é desabituar. Assossegar é voltar à calma, e *des*assossegar é inquietar-se. A palavra *envolvimento* tem por significados abranger, abarcar, conter, atrair, encantar. Portanto, *desenvolvimento* é a negação de envolvimento, então: partilha, separação, isolamento, falta de atração e de encanto.

Voltando ao dicionário, no entanto, lemos o verbete desenvolvimento como sendo “estágio econômico, social e político de uma comunidade, caracterizado por altos índices de rendimento dos fatores de produção, i. e., os recursos naturais, o capital e o trabalho”. Qual definição estaria correta? Será que existe uma real diferença entre os dois raciocínios? Mas, se já não fosse suficiente lidarmos com a palavra desenvolvimento, de uns tempos para cá foi adicionada a palavra sustentável, tornando, então, o desenvolvimento, sustentável.

Lá vamos nós de novo ao dicionário: *sustentável* é aquilo que pode sustentar, ou seja, que pode servir de escora a, que pode impedir a queda de algo. A palavra sustentável, portanto, foi adicionada para escorar o desenvolvimento, impedindo a sua ruína. Mas, o desenvolvimento está em crise? E, se assim for, somente a palavra sustentável poderá salvá-lo? Bem, agora já temos perguntas suficientes para tentar responder. E, para tanto, convido o leitor para uma rápida viagem pela história, a fim de perceber como estas palavras foram utilizadas e o que elas realmente significam.

Aspectos históricos da construção do conceito de desenvolvimento sustentável

O desenvolvimento começou a sua caminhada após a Segunda Guerra Mundial. Alguns autores afirmam que a era do desenvolvimento iniciou-se no discurso inaugural ao Congresso norte-americano do Presidente Harry Truman, no dia 20 de janeiro de 1949. A partir deste momento, foram definidos dois blocos de países: os desenvolvidos e os subdesenvolvidos. Os países desenvolvidos eram os que apresentavam altos índices de rendimento dos fatores de produção, enquanto os subdesenvolvidos tinham um baixo produto interno bruto (PIB).

Subdesenvolvido não era visto, pelo menos inicialmente, como uma pecha, de modo pejorativo, inclusive tendo sido posteriormente trocado por “emergente” e “em desenvolvimento”. Ou seja, o bloco de países subdesenvolvidos apresentava potencial para desenvolvimento, tendo por meta e destino alcançar o patamar do bloco de países desenvolvidos. Assim, todas as sociedades do planeta, em um futuro não muito distante, se encontrariam no mesmo estágio ótimo de desenvolvimento.

A uma primeira vista, a idéia é fantástica. Porém, os “índices de rendimento dos fatores de produção” para crescerem necessitam da utilização dos recursos naturais e dos recursos humanos. E, justamente aí explica-se por que um biólogo se mete a escrever sobre um conceito econômico: natureza e seres humanos são objetos de estudo da biologia!

Recursos são, segundo novamente o dicionário, “bens, haveres, posses”. Portanto, tanto a natureza como os seres humanos, quando vistos como recursos, são bens utilizados por aqueles que têm suas posses, para o desenvolvimento de suas nações. A *natureza* não é percebida na sua beleza e na sua importância para a manutenção do equilíbrio que “estabelece e conserva a ordem natural de tudo quanto existe”, mas sim como matéria prima a ser utilizada em função do desenvolvimento. O ser humano, igualmente, não é importante na sua diversidade psíquica, social e cultural, mas sim como força de trabalho. E, mais recentemente, através da manipulação gênica, também como um depósito de genes que poderão ser isolados, clonados e utilizados para o desenvolvimento de insumos de indústrias biotecnológicas.

A era do desenvolvimento caracterizou-se pela larga utilização dos recursos presentes no planeta e, após algumas décadas, o que se verificou foi um resultado contrário do que anteriormente se previra. Os países subdesenvolvidos não conseguiram atingir o patamar dos desenvolvidos. Muito pelo contrário, ocorreu um distanciamento ainda maior entre os dois blocos, assim como se verificou o surgimento de um grande e ainda crescente contingente de excluídos (seja em nível de países, como por exemplo alguns do continente africano que nenhum outro país do mundo lança olhares para suas mazelas e destruição; seja em nível de comunidades e pessoas dentro do mesmo país). A natureza, como era de se esperar, não está suportando a massiva retirada de seus “recursos”, já com sensível exaustão de matérias primas chaves, tal como se verifica com a água potável. Os resíduos produzidos e acumulados pelo planeta destróem paisagens e alteram ciclos, vitais para o equilíbrio dinâmico que caracteriza o planeta Terra, desde os seus primórdios, há 4,5 bilhões de anos.

Os recursos naturais foram mais utilizados pelos países que mais se desenvolveram, ou seja, os países do hemisfério norte. Nesta região do globo, os seres vivos foram quase que totalmente dizimados, sendo que nela os ambientalistas passam a lutar até pela preservação de cercas vivas. Então, onde os países desenvolvidos poderão conseguir recursos naturais para continuar o seu desenvolvimento? A resposta é óbvia: nos países do hemisfério sul, que não conseguiram desenvolver-se e ainda possuem extensas áreas naturais. E, para que os países do norte possam explorar esses recursos, os do sul não podem mais utilizá-los, tendo de interromper seus desenvolvimentos.

Outro fator para análise é o acelerado crescimento populacional dos países subdesenvolvidos. Este crescimento é natural, uma vez que a espécie humana procura colonizar os ambientes disponíveis e nos quais pode retirar o seu sustento.

O nosso país, por exemplo, não apresenta uma superpopulação, pois possui uma extensão territorial muito grande e ainda potencialmente colonizável.

A globalização, também contrariando as otimistas previsões iniciais, não alavancou os países pobres, diminuindo seus sofrimentos ao aprenderem o modo de vida dos ricos, mas sim expôs acintosamente a melhor qualidade de vida dos países do hemisfério norte e a miséria do hemisfério sul. Ocorreu a globalização tanto das belezas como das chagas.

Neste momento, chegamos à resposta do primeiro grupo de perguntas: as duas definições apresentadas realmente não se excluem. O estágio econômico, social e político dos países que alcançaram altos índices de rendimento necessita da partilha não equânime dos recursos, gerando a sua separação dos países sub-desenvolvidos, que passam a se isolar do mundo desenvolvido.

O papel do desenvolvimento sustentável

A globalização fez com que os problemas enfrentados pelos países não desenvolvidos fossem sentidos pelos países ricos, gerando nas populações dos dois blocos sócio-econômicos uma falta de atração e de encanto pela era desenvolvimentista. A preocupação, agora, é o norte estar presenciando o início do chamado “efeito bumerangue”. A qualidade de vida dos países desenvolvidos querendo ser compartilhada pelos que não têm recursos para sobrevivência, e os imigrantes e refugiados trazendo para o interior das sociedades do norte os problemas sócio-econômicos que vivenciam. O que fazer diante desses problemas advindos da derrocada da era desenvolvimentista?

A resposta foi encontrada em 1987, pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, da qual participou apenas um brasileiro, o Dr. Paulo Nogueira Neto da USP. Essa comissão, liderada pela então primeira ministra da Noruega, Gro Brundtland (atualmente na direção da OMS), criou o conceito do desenvolvimento sustentável. A sua definição é a de “um desenvolvimento que responde ao bem estar presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações em responder às suas necessidades”.

Lembrando da existência dos dois aspectos problemáticos citados mais acima, ou seja, recursos naturais e poder sócio-econômico, a Comissão Brundtland reduziu a questão apenas aos recursos naturais. Eles devem ser utilizados para continuar o desenvolvimento - dos países ricos - conservando o que ainda resta - nos países pobres - para assegurar a continuidade do desenvolvimento futuro - dos países ricos.

Ao invés de uma solução, a concepção da sustentabilidade acentua as diferenças sócio-econômicas entre norte e sul, proporcionando cada vez menos chances de inclusão de nações e pessoas no processo do desenvolvimento. Além disso, os recursos naturais continuam sendo utilizados e deverá alcançar um patamar insustentável e incompatível com a vida no planeta, esteja este futuro aonde estiver.

O desenvolvimento é possível ?

Respondendo ao segundo grupo de perguntas: a idéia do desenvolvimento realmente caiu por terra, ao ruir seus postulados iniciais, que eram o desenvolvimento universal de todos os povos da terra e a sua perpetuação ao longo do tempo. E a palavra sustentável não poderá salvar essa idéia, pois não traz consigo senão uma visão reducionista e um agravamento dos problemas já enfrentados. Acredito, portanto, que estamos ao final da era desenvolvimentista, sendo a sustentabilidade seu último suspiro de esperança de continuidade. É um suspiro, no entanto, que cada vez mais se esvai no espaço e no tempo, pois não se arraiga em bases sólidas e justas.

A necessidade de um novo paradigma desenvolvimentista

O que virá depois? Como conceber a evolução futura das populações humanas no planeta? Os pensadores da pós-modernidade já estão por semear e cultivar os fundamentos de uma nova era. Na minha visão de biólogo e educador ambiental, o esforço agora será no sentido da humanidade desligar-se das palavras desenvolvimento, globalização e sustentabilidade, criando uma dinâmica nova de relações humanas, sociais e naturais.

O ser humano chegou a um momento histórico que não necessita mais de desenvolvimento, ou seja, não precisa produzir e consumir excessivamente, ou criar empregos cujo único objetivo é gerar mecanismos de acúmulo de capital. A necessidade das comunidades, agora, é cultivar uma vida com qualidade cada vez maior, sem temores e sem revezes. Temos de nos dar o direito, já na nossa geração, de ter uma vida digna e saudável, tanto nos países até agora denominados pobres quanto nos ricos. A globalização, tal como é entendida atualmente, deve ser substituída por uma visão integralizante do planeta, onde a diversidade das interações entre as nações humanas, as suas culturas, os seres vivos e os elementos não-vivos formem o sustentáculo do equilíbrio dinâmico (homeostase).

A sustentabilidade deve ser trocada por equanimidade, ou seja, por uma moderação na utilização dos "recursos naturais", assim como na equidade das relações entre as nações. Não há mais espaço (físico, moral e ético) para excluídos, mas todos deverão estar incluídos no novo modelo de evolução social humana.

O futuro está para ser construído, certamente resgatando valores do passado como o agir localmente, mas dando o passo futuro de uma administração pluralista e interdependente do planeta. E, nesta construção, todos são convidados, seja quais forem suas percepções de mundo, pois na diversidade está a chave para chegarmos a um futuro melhor.

Referências Bibliográficas

- BECKER, D. F. (org.). (1997). *Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?* Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- FERREIRA, A .B. de H. (1995). *Dicionário básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira.
- GONÇALVES, C. W. P. (1998). *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Editora Contexto.
- JICKLING, B. (1994). *Studying sustainable development: problems and possibilities*. Canadian Journal of Education, v. 39, n. 3, p. 231-240.
- LEIS, H. R. (1996). *O labirinto: ensaios sobre ambientalismo e globalização*. São Paulo/Blumenau: Editora Gaia/Editora da Furb.
- SACHS, W. (1996). *L´anatomie politique du développement durable*. Interculture, v. 29, n. 1, p. 15-37.
- VACHON, B. (1997). *Mondialisation des marches et développement local*. Municipalité, n. 10, p. 11-15.